

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

SOB O CÉU DE
MINHA TERRA
(CONTOS)



EDITORA
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
1956

A New South
com o mico amigale
e admiracar.

A. S. Ferreira
Lame 16. 2. 50.

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

SOB O CÉU DE
MINHA TERRA

(CONTOS)

EDITORA
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
1956

"Feliz é aquêle que leva em si um deus, um ideal de beleza, que lhe serve de guia: ideal de arte, ideal de ciência, ideal de pátria, ideal de virtudes evangélicas! Eis aí as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes ações. Em tôdas se reflete, iluminando-as, a luz do Infinito." — PASTEUR.

P R E Â M B U L O

É preciso que explique como surgiu o presente livro de contos.

Até há bem pouco, não havia eu penetrado na difícil arte em que predomina a narrativa, com algumas outras características.

Acontece, porém, que o nobre amigo Dr. Altair Pimenta de Moraes, poeta e contista, de estilo moderno, aliás, me apresentou alguns de seus trabalhos nêste gênero, e, segundo creio, em número de seis, bastante interessantes.

Senti vontade de imitá-lo. Dizendo melhor, de produzir quantidade igual, para, juntos, publicarmos um volume.

Ocorreu, porém, que o amigo, em virtude de outras atividades que o absorveram, teve de adiar a publicação, aguardando oportunidade.

Quanto a mim, apressado que fui em encaminhar os originais aos linotipistas, logo os vi compostos, concluídos.

Para não os perder, mandei imprimi-los.

Dessa maneira, e não podia ser de outra, saiu rápida a obra de contos ligeiros, em estilo singelo, sim, mas

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

vividos sob o grande céu da terra iguaçuana, em que se sentem as ruas, pontes, vertentes e esquinas onde devo ter vivido mais da metade de minha existência.

Se quisesse, poderia ter dado asas à imaginação e divagado sobre coisas longínquas.

Considero, entretanto, de pouca valia para meus conterrâneos, trabalhos que não digam respeito à sua cidade e à sua gente.

Nova Iguaçu, solo fecundo que é, em todos os sentidos, terá de constituir, principalmente para os que aqui pretendem firmar-se, o grande manancial, a fonte viva de tudo o que se produzir para o futuro.

Janeiro de 1956

O AUTOR

LUCI

No centro de Nova Iguaçu, quase ao fim de antiga rua, à sombra de vistoso "flamboyant", num bangalô verde, residia mimosa professora, jovem e dedicada.

Extremamente solícita, a todos prendia; principalmente pela maneira meiga e gentil com que agia. Impulsos de sua própria natureza.

Só uma coisa a incompletava. A maneira travessa com que às vezes tratava seu pretendente, médico, possuidor de temperamento menos irreverente, talvez devido às reflexões a que era obrigado. Luci — o seu nome — de outro modo, era também mais jovem. Mas, no fundo, o gênio, essa sua maneira de ser, era a um só tempo a alegria e o encanto dos alunos da modesta escola em que lecionava, aonde ia de ônibus, tôdas as manhãs.

Respeitavam-lhe até o lugar. Nas filas, já contavam os passageiros com aquela flor mimosa que surgia, ora no comêço dela, ora no fim, antes da penosa viagem diária, não raro accidentada, cansativa.

Tal era a sua vida. Em casa, muito brincalhona, gostava de andar à vontade, com vestidos leves, principalmente com uma calça comprida, azul, com que aju-

dava sua mãe, extremosa senhora, na faina doméstica, e com que, às vezes, no próprio quintal, subia às árvores, a fim de colher frutos.

Disso ele não gostava. Antigos hábitos. Principalmente porque — dizia — a casa era de visitas. Que chegavam. E detestava a surpreendessem assim, tão à moderna, como aconteceu de uma ocasião, com o sinalzinho do ventre à mostra e seu conjunto muito exibido pelo corte das calças. Adotava, infelizmente, outro sistema.

E lhe fêz a comunicação da inconveniência de tais usanças, o que ela aceitou. Dali por diante, nunca mais vestiria — ela mesma asseverou — aquelas calças azuis. Em seu lugar, surgiram os vestidos leves. As saias, principalmente uma vermelha, muito bonita, com um bôlso de cordas, aplicado.

— Não as usarei — dizia ela — mas não vejo mal naquelas calças. Ajudam-me tanto, no serviço caseiro. São demasiado cômodas.

E nada mais foi dito sobre o assunto.

* * *

Mas o destino! Quem pode dizer por quantas linhas ele escreve! Certo dia lhe preparou o inesperado!

Quando de uma viagem a Mendes, em visita a uma tia e madrinha, avista-se com uma prima, também alegre

e jovial. E eis que lhe surge um convite. Fariam um passeio. Divertir-se-iam até à hora do almoço.

Da sugestão à realidade há apenas uns segundos. E do passeio ao uso das calças, uns minutos. Em pouco, estavam as duas prontas, a caminho do itinerário.

— Que mal havia? — pensava ela. O noivo andava longe...

Mas a saudade dêle não o afastara tanto assim. Levara-o até lá. Querendo vê-la, num dia de folga, eis que se dirige àquele local. E há surpresa! Um desconcerto!

Luci, num grupo misto, conversa. Ele, nem procurou saber se eram parentes. Magoado com a desobediência ao trato, retirou-se. E embarcou sózinho para longe, certo de que uma moça que falta à promessa, nunca poderia tornar-se completa, obediente! E desapareceu, como garantira que faria, aos primeiros sinais de decepção! Também tinha seus caprichos!

* * *

Como era natural, Luci desgostou-se. Afinal, o compromisso de mais de ano permitia tempo mais que suficiente para uma afeição profunda. Demais disso, a atitude inesperada do rapaz teria de atingir-lhe a natureza delicada. Havia tantas promessas! Tanta esperança de uma vida nova e feliz! Não poderia

compreender que uma rebeldia irrefletida pudesse influir tão decisivamente no destino!

Que dura realidade! Mas permanecia ali. Com todo o seu cortejo de aborrecimentos. Há quatro meses que não tinha a menor notícia do paradeiro dêle!

* * *

A família, também desgostosa com os últimos acontecimentos, resolve mudar-se. Colaborar com a filha para o esquecimento. Escolhem São Paulo, que já conheciam e onde, naturalmente, as ambiências ajudariam ao caso.

Mas outro inesperado! Não estava prevista a adversidade do clima, atuando numa natureza já enfraquecida, atingida por abalos sucessivos, decorrentes da decepção. Luci é dominada por uma pneumonia que a arrasa. Fulmina-a. Só deixando tempo para que pedisse aos seus depositassem no caixão as recordações do antigo afeto. O anel a um canto. Noutro, uns aderêcos. Noutro, umas flores secas a que poderiam misturar víscos cravos e rosas, levados pelos parentes. Não se incomodava de ir sózinha para a última morada. Assim, já andava há muito tempo.

* * *

O rapaz de nada sabia. Vivia longe, a amargar o desgôsto do capricho seu, no interior de São Paulo, que também escolhera para o exercício da clínica particular. Já se lhe notavam muitos cabelos brancos, da tristeza. As rugas da imensa saudade começavam a sulcar-lhe o rosto e a castigar-lhe a fisionomia. Seu coração já não aguentava por tanto tempo a separação. Ela, afinal, possuía tantas outras qualidades, que não pôde ou não quis êle ver. Que travo amargo o do destino!

Mas voltaria um dia! Quem sabe não ter ela se arrependido? Cinco anos já decorridos. Talvez a encontrasse mais bela, desenvolvida, perfeita, como dantes não sonhara!

Na primeira oportunidade, procurá-la-ia. Tão logo sua situação se firmasse. Haveria de ter notícias dela!

* * *

Mas agora outras surpresas é que o aguardavam!

Em Nova Iguaçu, onde não mais residia, pouco lhe sabiam informar.

Desde que se retiraram para São Paulo, não obtinham informes. Certa amiga, Irene, já casada, sabia apenas o nome do subúrbio paulista para onde foram. E que andara doente. Nada mais podia esclarecer.

Volta, então, o rapaz a São Paulo. E medita. Quem sabe, naquele lugar pudesse ser-lhe útil? Ou

curá-la de algum mal cuja etiologia não podia prever. Luci havia sido tão solícita e prestante, quando adoeceu! Chegaria a vez dêle! O bem se paga com outro bem, e não poderia assim permanecer, nem mais um minuto sem agir, sem possuir notícias.

Iria ao seu encontro. De qualquer maneira.

* * *

E a peregrinação então começa. Num antigo carro que se dirigia à localidade onde ela morava, em companhia dos seus, consoante informações em Nova Iguaçu.

A paisagem o agrada bastante. Por instantes, graças a isso, consegue esquecer as tristezas e as circunstâncias que o conduziam até ali. E mais ainda, o que vai adiante.

Numa ponte, por onde teria de passar o veículo, quase ao anoitecer, surge uma jovem muito bem vestida, tôda de branco. Pareceu-lhe ser Luci. Jurava que era. Com aquêle vestido do primeiro encontro, do dia da ventania, em que lhe apareceu linda, perfumada, atenciosa, meiga.

O penteado era exatamente o mesmo.

Mas o carro pára. Era "quase" ela! Só a fisionomia modificada no olhar. E um pouco mais pálida. Bastante parecida, porém!

Oferece-lhe condução. Ela aceita. E senta-se exatamente ao lado dêle, com quem começa a conversar:

— Vai também à festa de Santo Antônio, assistir aos fogos? Dançar depois?

— Não, não sei de festa por aqui. Porém, diante de sua presença, que me traz recordações tão caras, posso resolver o contrário. E comparecer. Quanto mais não seja, para compensar esta viagem estafante, empoeirada. E palestrar com você.

A jovem tinha muito da outra. Sim, ele compreenderia àquela festa, para sentir o inefável prazer da nova companhia.

E a jovem comprehende. E sorri de tal maneira que um sentimento estranho lhe toma todo inteiro o coração. Inunda-lhe a alma indizível alegria.

* * *

E, por que não dizer? Já tinha o pensamento formado de que, se naquela cidade não encontrasse a antiga amada, procuraria a sósia e êmula ao mesmo tempo. Sim, era bem igual! Em tudo! E, por acaso, o nome era o mesmo: — Luci.

— Pode chamar-me de Luci — disse ela. É o meu nome. Nunca tive apelido, desde pequenida.

* * *

Quando a queima dos foguetes terminou, regressaram. Ela, também. Morava perto, mas chovia. Já entusiasmado, num gesto de cavalheirismo, oferece à jovem um guarda-chuva, presente da outra, com cabo de ouro e iniciais. E condução.

Ela aceita. E, após orientar o motorista, pelas estradas do interior, aponta-lhe um caminho, onde há uma casa verde e uma árvore.

— É ali que moro. Quando quiser... E apertou com novo sorriso a mão do companheiro, a quem dispensara toda a atenção.

— Vê-lo-ei, novamente.

E ficou à beira da estrada a acenar, até que se perdeu de vista.

O rapaz já estava distante, quase próximo à cidade, quando se lembrou do chapéu que cedera à jovem. Mais com o pretêxto de revê-la do que mesmo de readquiri-lo, toma outro carro. Decide procurá-la, indo até à sua residência. Sentir aquêle rosto meigo e o vestido branco, de tão boas recordações!

E volta.

Quando bate à porta da casa, é atendido por uma senhora de cabeça branca. Cobre-a uma mantilha.

— Luci está?

— Conhecido dela?

— Sim!

— Pode entrar e sentar-se. Ela aqui não reside.

Durante a chuva, apenas se abrigou, apresentando-se. Deixou-me o bilhete, o embrulho e o seu chapéu, que aqui estão, para o senhor, que viria mais tarde.

O rapaz, cheio de curiosidade, abre primeiro a sobre-carta. E lê:

“Meu querido:

“Há cinco anos que parti para a eternidade, a fim de cumprir os designios de Deus, levando comigo a lembrança dos dias felizes que junto passámos, e que ainda vivem em minha saudade.

Não indagues muito à senhora da maneira como consegui redigir-te esta. Mais tarde compreenderás. Porque o meu objetivo principal é enviar-te a lembrança que me acompanha.

Um grande abraço. Se o teu amor fôr sempre puro, elevado, sincero, como creio, viverás para sempre junto a mim.

Luci”.

Há surpresa e emoção ao mesmo tempo. Em seguida, desfaz o laço do pacote. Eram as calças azuis.

Vendo-as, não se contém. Duas gôtas quentes rolam-lhe pelas faces. E, com voz embargada, despede-se:

— Obrigado, minha senhora. Muito obrigado!

A ENCOMENDA DE UMA ESTRÉLA

Frederico era um belo garôto louro, esperto e inteligente.

Sua mãe não sabia o que mais fazer, no sentido de alegrá-lo, de evitar os aborrecimentos que lhe provocavam o chôro, seguido do horrível acesso de tosse, asfixiante e quintosa, que acompanhava a coqueluche contraída.

De modo que, por isso, Frederico era satisfeito em muito. Nos menores desejos. Tinham medo daquela tosse impiedosa que o castigava.

Em sua casa, havia de tudo. Brinquedos de todas as qualidades e tamanhos. Automóveis, carroças, bondes, aviões, jipes em miniatura. Na cama, ele permanecia o dia inteiro, a arder de febre, tendo pela frente uma larga janela que mostrava o céu com as estrélas, à noite, além dos verdes ramos da imensa copa de uma árvore, na rua Treze de Maio.

— Mamãe, quero aquela estréla! — disse, apontando o céu. Sómente ela, vindo até mim, pode melhorar-me.

Era o delírio da febre. Queria a estréla e água também.

Seu pai ficou em sobressalto.

Dera-lhe, antes, o belo carrinho de capota azul, como pedira. A carroça, puxada pelo coelhinho. Mas como penetrar numa via látea e retirar de lá uma estréla? Principalmente aquela que êle apontava, situada a alguns anos-luz daquele quarto de veneziana aberta?

Todos, até as tias, Ana Maria e Nanci, ficaram apreensivos. Só a empregada, uma mulatinha esperta que criavam, nascida em Belford Roxo, achou muita graça:

— Que idéia!

Foi quando êle começou a chorar, fazendo sobrevir o acesso horrível, teimoso, asfixiante, de cortar o coração.

Seu pai sacode a cabeça. Sabia da impossibilidade de contentar o filho doente, naquela obstinação em receber o astro.

Muitas outras coisas poder-lhe-ia dar. Menos aquilo!

Sua mãe, mais preocupada com a cura que propriamente com o presente, não perdia a conta dos remédios. Dava-os à hora certa, na certeza de que tudo desapareceria com a melhora da febre, ainda contínua, sem intermitências.

* * *

E todos já se mostravam cansados, quando, no dia seguinte, a mulatinha, muito alegre, transmite a notícia:

— D. Jane, Frederico está melhor! A febre passou!

— Como sabes?

— Satisfiz-lhe o desejo.

A mesa, ao café da manhã, os pais se entreolharam.

— Venham ver!

Não acreditavam fôsse possível obter o milagre.

Mas, quando se aproximaram, viram o menino com a fisionomia melhorada, a brincar com uma estréla de metal.

— É a que êle desejava — acrescenta a empregada. Pois, quando lhe indaguei, cedo, do tamanho dela, respondeu-me ser muito menor que dez centavos, entre os olhos. E encontrava-se baixa, prêsa aos galhos da janela. Fui até lá fora, e trouxe a minha, da pulseira.

Todos sorriem.

— Ganharás outra, garantiu o pai.

Mas a mãe, transbordante de satisfação, prossegue entre feliz e curiosa:

— Frederico, só desejava saber como te conduzirás logo à noite, vendo outra a brilhar.

— Ora, mamãe! As estrélas são como as laranjas de Nova Iguaçu! Se a gente corta uma, nasce outra, em seguida!

E permaneceu o garoto sério, a distrair-se com a mensageira da saúde, a respeito da qual guardava um conceito todo seu...

UM CURSO COMPLETO

Poucas, talvez, a excedessem em beleza.

Rosto redondo, lábios grossos e sensuais, busto helênico, cintura fina, belos quadríz e andar felino: Físicamente, era perfeita. Ela mesma o dizia.

Espiritualmente, através de leituras sucessivas, com o propósito firme de encantar a todos, completava-se. Conhecia todos os assuntos. Os escritores antigos e modernos. Geografia. História. Gramática.

Aos olhos dos homens apresentava aquêle corpo em que a natureza se esmerou em quanto tinha e imprimiu sensualidade. Para a inteligência mais exigente, exhibiria aquêle espírito, com que atingiria o maior objetivo: o casamento, como lhe convinha, cercado de conforto e muito carinho.

E começa, então, a sua história, com os personagens que escolheu: primeiro, um militar; segundo, um estudante de medicina; terceiro, um médico.

Em relação a este conto, principiam os acontecimentos em Nova Iguaçu. Em cima da ponte. Num domingo, de céu azul, onde não apareciam ainda as estrélas. Pois não eram seis horas. O padre João não havia li-

gado os alto-falantes com a Ave Maria, de Gounod. Os transeuntes iam e vinham, quando chega o estudante. Recosta-se ao gradil e fica a apreciar o movimento, aquêle vaivém inusitado, denunciador do grande progresso em que vai a cidade... Súbito, no meio de tanta gente, destaca-se um vulto feminino. Cabelos bem pretos. Morena. Um andar diferente. Bôca rubra, desejosa de beijos. Olha para trás. Uma, duas, três vêzes. Era para ele!

O estudante é atraído. Desencosta-se. Ela percebe. Apressa-se. Aperta o passo. E só bem distante, em frente ao Centro Espírita local, onde se encontra um poste, ela pára. E o espera.

- Como se chama tão bela criatura!
- Galante, hein?
- Diga-me...
- Mariza.
- De onde vem e para onde vai?
- Para casa.
- Onde mora? Jamais a vi nesta cidade.
- Vim de longe...
- Doce mentira...

As perguntas e respostas foram tão interessantes que num instante se prendem um ao outro.

— Se você soubesse as razões por que vim até aqui... — disse ela.

Mas não importava. Ele não queria saber. Só almejava sentir o prazer de sua inefável presença, onde quer que fôsse.

— Prometa que não me deixará!

— Claro!

E no dia seguinte ela lhe telefona. Novos encontros. De horas a fio, mas pareciam minutos. A bela mulher curva-se ao estudante que vencia, assim, a primeira partida.

Mas o tempo passa. E com ele, muita coisa. Até o dia em que certa apreensão a obriga a falar. Diz de longa carta de um oficial do exército a ela dirigida, seu antigo pretendente, em que descreve perigosa região da Itália onde se encontra, durante a guerra, e onde se travaria, depois, terrível batalha pela posse de um morro, ponto estratégico, ninho de metralhadoras. As esperanças de retorno eram poucas. Muita luta. Muitos alemães, armados até os dentes, com material de precisão. Assim, ela fizesse o que lhe conviesse, principalmente se algum outro marchava a caminho de seu coração. Mariza temia o escândalo da volta.

* * *

Mais uns meses e a escalada é feita. Os alemães vencidos. A guerra termina. E o militar, herói em todos os sentidos, até na renúncia de si mesmo, do seu

amor, volta à terra querida, ao Brasil, cujo sol não era o mesmo com as sombras e tristezas que o envolviam. Ela, de quem se despedira, antes de ir, era de outro, em coração.

Mas a terra não é ingrata para êle! No torrão onde nascera, os sinos o recebem. Repicam com alegria. Todos o querem. Festejam. Acarinham-no. Há bailes memoráveis, conforme soube o estudante. Mariza chegou até a ser convidada. Mas não foi. O estudante, cheio de brio, acompanhou os passos do herói. E não a largou. Nem reclamou. Ficou firme, como um homem, embora arrazado moralmente.

Mas as influências! Só Deus sabe onde elas poderiam chegar. De um modo geral, as mulheres são muito tentadas pelo amor, dinheiro e posição social.

Mariza não podia fugir à regra geral. Com a volta do outro amor, o estudante modesto fica em outro plano. Não no amoroso. Mas nesse com que as mulheres sonham, de uma vida tranquila, rica, prestigiosa, que o militar lhe poderia proporcionar!

Ele trouxera tudo. E Mariza chega a referir-se a uma "barata" lindíssima, de mais de trezentos contos. Pedras preciosas. Quadros valiosíssimos!

O estudante, àquele tempo, só quatro coisas lhe podia oferecer: Seus livros, que muito queria; o emprêgo, o amor e a virilidade. Nada mais. Encontrava-se num

comêço difícil, necessitando até de sua colaboração para uma vida tranquila e econômicamente equilibrada.

* * *

Nesta altura, o herói andava longe.

É então que surge o terceiro personagem: o médico.

Sua mãe, asmática, tinha um sonho: ver a filha bem casada, se possível com um clínico, conforme ela mesma dissera ao estudante. Influência que acabou por dominar a moça, a ponto de ela insistir com o rapaz na conclusão dos estudos, da melhor maneira possível. Aquela idéia de concurso para um cargo público, a fim de casar-se, não lhe parecia interessante. O melhor era mesmo formar-se. Todos achavam, a mãe e irmãos. Até o dr. Fulano, que aplicava adrenalina na genitora, também acentuou ser uma tristeza a carreira interrompida.

Mariza, inteligente, viva, começa a pressentir as perspectivas de uma vida trabalhosa, para ela e para todos. E, quando um dia, o estudante chega a lhe dizer das impossibilidades de reencetar o curso, ela esfria. Acentua, mesmo, que não sente assim confiança no futuro. Que êle era um mentiroso! Tanta promessa lhe fêz de uma vida feliz! E agora, ali, tudo reduzido à realidade de uma confissão, segundo a qual êle não seria um

homem formado, mas um simples funcionário! Fraqueza! Falta de amor!

Era, sem dúvida, o fim de tudo, de um romance que principiara como a luz do sol, e terminava, triste, na escuridão de uma rua sem importância. As flores, os caminhos por onde passaram, os lagos, toda a beleza de um romance oriundo da mais pura afeição, tudo ficava para trás, por causa de preconceitos, de orgulho, de posição social.

— Nossa gênio não combina. Eu sou mais inteligente que você.

De fato o era. Tanto assim que o deixava, sem vacilação, em busca de horizontes felizes e mais amplos.

O estudante, cheio de desconfiança, maltratado, atingido no seu amor próprio, descontrola-se. Faz-lhe ver as últimas verdades. Insulta-a.

— Não adianta, você não me comprehende. Fala tanto sobre aquela tarde, na ponte de Nova Iguaçu, em que me viu pela primeira vez. Não sabe, entretanto, que acabava de me despedir do oficial em marcha para a guerra!

Ignorava o pobre estudante que aquêle seria o último encontro com a que viria a casar-se com o médico de sua mãe. Era uma tristeza a carreira interrompida.

Ela sempre se dizia uma mulher perfeita. Por isso, julgava-se merecedora de melhor sorte. Não foi à toa

que procurou acumular-se de conhecimentos, de expressões felizes, arrebatadoras. Tudo teria de fundir-se àquele rosto redondo, de lábios grossos e sensuais, àquele corpo de cintura fina, largos quadris e andar felino. O andar com que agarraria a presa que lhe conviesse...

Restava ao estudante aquela lição, para um curso completo.

E veio, afinal...

CONTOS VERÍDICO

Todos os dias, mais ou menos à mesma hora, quando os veículos desciam apinhados para o centro da cidade, era êle visto sentado, de prêto, com sua bela cabeleira e gravata, à Príncipe de Gales.

Dominando a fisionomia, havia uns olhos grandes, esverdeados, muito expressivos; uns dentes fortes, quando ria. A expressão fisionômica, entre doce e austera, revelando traços juvenis, contrastava com alguns cabelos brancos, já visíveis.

— Quem era êsse tipo?

Ninguém, ao certo, sabia responder. Uns, pensavam tratar-se de algum diplomata; outros, julgavam-no um artista, tipo Devant; outros, ainda, calculavam-no talvez músico, talvez pintor ou poeta.

Acolá, em meio a casquinadas dos rapazes, corriam versões jocosas: não passava de um fotógrafo, porque tinha êle sempre uma pasta, a célebre e inseparável pasta de couro negro que, à distância, lembrava uma Kodak. Mas que êle enchia de livros e material de laboratório.

Entretanto, o homem não era desrido de importân-

cia. Apenas modesto. E isso o confundia com os demais.

Ao tempo do governo de Rodrigues Alves é que ele apareceu. Fêz-se amigo do Dr. Seabra, então ministro de Estado. E quantas vidas foram por ele poupadadas, principalmente na Capital da República, considerada antes vasto matadouro de vidas, assassina de nossos irmãos paulistas, mineiros e sulistas, e até dos queridos portuguêses que, ao aportarem às nossas plagas, em busca de meios de vida, aqui vinham perdê-la!

Aquela horrível situação endêmica da febre amarela já perdurava meio século. No estrangeiro, chegavam mesmo a dizer que vir ao Brasil era o mesmo que procurar o suicídio, pois o navio italiano "Lombardia", com tripulação de 240 homens, que ancorou em nosso pôrto, aqui perdeu de febre amarela 143 dos seus homens! Sobreviveram apenas 106, menos da metade!

No Rio, durante 57 anos seguidos, a epidemia causara 60.000 óbitos, mais ou menos.

Foi então que surgiu êste homem, a quem já apelidaram de "o Fotógrafo".

O Dr. J. J. Seabra, ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, é que o descobriu, por indicação.

Trabalhava ele na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, com aquela maleta, tipo Kodak, no seu laboratório particular, situado na Travessa S. Francisco de Paula, e

exercia as funções de Diretor Técnico do Instituto Soroterápico de Manguinhos, à margem da hoje Rodovia Presidente Dutra.

O ministro mandou chamá-lo:

— O Sr. foi lembrado para combater a epidemia da febre amarela!

Há surpresa e agradecimento.

— Conhece-a?

— Conheço, Sr. Ministro.

E imediatamente começou a delinear os planos de combate ao mosquito, o principal causador. Os processos haveriam de ser os mesmos usados em Havana, anteriormente atingida.

— Vou apresentá-lo ao Sr. Presidente da República.

* * *

Mas o Presidente não o conhecia. Era, realmente, uma figura apagada, ainda com apelidos.

— Sr. Presidente, eu também o desconhecia — respondeu o Ministro Seabra. Um amigo em quem confio, apresentou-mo como entendido de Higiene.

O presidente hesita. O homem é estranho. Manda até chamar seu filho, Oscar Rodrigues Alves, sextanista de medicina.

— Você o conhece, como estudante que é?

— De nome, papai...

E compreendia-se a vacilação, bem como o interesse patriótico que deveria despertar o ânimo do Sr. Presidente da República.

— Convidemos, então, o professor Roux, de Paris!

— Não! Há, no Brasil, — disse o filho — gente competente!

Foi então que o presidente o nomeou.

Ao tomar posse, em o novo cargo, usa métodos seus, conhecidos, apenas, de reduzido grupo, a par dos trabalhos da Missão de Havana. A maioria dos brasileiros, porém, ignorava tais métodos.

Para esclarecer, então, a todos, mandou espalhar publicações esclarecedoras do assunto, mostrando que o seu plano não era uma ilusão, mas uma conquista definitiva da Ciência.

Cercou-se de gente nova. Proveu lugares por concurso, sem atender a pedidos. E assim organizou o serviço com verdadeiras brigadas de mata-mosquitos.

Em lugares mais longínquos, eram vistos homens vestidos de caqui e boné, acompanhados de apetrechos de serviço e uma bandeirinha, que ficava à portá das residências. Matavam todos os mosquitos e larvas.

Enquanto isso, outro grupo, preocupado com o extermínio da peste bubônica, dava cabo dos ratos em seus esconderijos, por meio de gases asfixiantes e tóxicos. E aqui mesmo em Nova Iguaçu muitos devem de ter as-

sistido à depuração da antiga Vila Iboti, na antiga rua da Cadeia, quando cobriam as casas com imensos toldos, que pareciam de circo. Abafavam as residências, para queimarem, dentro delas, enxôfre. O gás, dêle desprendido, eliminava os insetos. Foi uma epopéia.

Os relatórios mensais mostravam, eloquientemente, os esforços contínuos de todos. O bom desempenho da sagrada missão confiada àquele homem.

Apesar disso, entretanto, aconteceu um inesperado. Os jornais da oposição ao governo começaram a atacar a batalha do saneamento.

Periódicos e revistas principiaram a publicar caricaturas perversas, daquele "Fotógrafo", versinhos de poetastros populares, — tudo com o objetivo de lançá-lo ao ridículo. Chegaram até a compor a cançoneta: "Eu vou a Cuba e volto já", para diminuir-lhe os méritos da campanha.

Nas duas Câmaras — dos Deputados e Senado — os representantes se opunham à passagem de créditos. Nas Academias muitos obstaculavam aquêles métodos, embora pequenos grupos o consolassem e o ajudassem na campanha de esclarecimento público.

Na realidade, dizia o "Fotógrafo":

— "A campanha tem sido terrível. Seja como fôr, a verdade está conosco e triunfará, custe o que custar. Não me afastarei uma linha do programa traçado, e, se

me faltar o apoio oficial com que tenho sido honrado até a presente data, retirar-me-ei da liga abrançando as minhas convicções, voltando ao recesso do laboratório, longe das paixões humanas".

* * *

Mas a politicagem dominava. O furor crítico, pelos jornais, chegava ao auge. A comissão de Saúde nada resolvia sobre a verba indispensável à campanha.

"O Fotógrafo", então, sem meios para levar adiante o plano iniciado, pede exoneração.

O Presidente da República chama-o outra vez.

— Para acalmar os jornais e sossegar os espíritos, peço-lhe que use os antigos processos...

— Não posso, Sr. Presidente. Meu sucessor ficará mais à vontade para satisfazer aos desejos do Sr. presidente.

— Como? Perdeu a fé na sua teoria?

— Não a perdi. Porém, com a minha fé, apenas, não posso pagar aos mata-mosquitos. Demais disso, toda a repartição está desfalcada de dinheiro.

— E a verba que solicitei?

— Está encalhada na Comissão de Saúde da Câmara.

— Pois o senhor prossiga. Terá os recursos necessários muito em breve. Garanto-lhe.

E assim aconteceu.

"O Fotógrafo" reassumiu, assim, o serviço, estimulado pelo Sr. Presidente da República.

Mas surgiu outro acaso. Por influência dos jornais, os mata-mosquitos, inspetores e delegados de higiene começam a ser mal recebidos por toda parte, às vezes até agredidos. Alguns se armavam de carabinas, para "defender" o seu lar, contra os mata-mosquitos. Houve brigas a granel. Sebastião de Carvalho, pintor nesta cidade, acusou o petróleo de matar-lhe a criação.

Até em centros mais adiantados, houve dificuldade de expurgo. A Casa Sucena, ali na Avenida Rio Branco, chegou a obter, do Supremo Tribunal, um interdito proibitório, pelos prejuízos que o enxôfre traria às alfaias litúrgicas, bordadas a ouro e outros metais finos, sédas, damascos preciosos, etc.

Para o expurgo, só haveria uma solução. Procurar o Cardeal Arcoverde para que, com seu prestígio, chegasse à Casa Sucena, o último reduto a ser saneado, e ligada ao clérigo por muitos interesses.

— Os senhores aqui não entram! — alegou o gerente, Sr. Elias.

— Só passando pelo meu cadáver!

Mas o Cardeal, depois de ouvir as ponderações do "Fotógrafo", que usaria o piretro, em lugar do enxôfre, tomou da pena e escreveu:

"O Cardeal Arcoverde cumprimenta o Sr. Elias e espera que a Casa Sucena, sendo um casa católica, seja a primeira a dar o exemplo de obediência às leis do país".

Se não encontrassem o destinatário — recomendou o Cardeal — que a entregassem a outro sócio da casa.

Era o comêço de outra batalha! Batem à porta. Em pouco, é aberta a metade.

Aparece um português meio carrancudo. Não cumprimenta a ninguém. Recebe a carta do Cardeal. Encaminha-a ao Sr. Elias. Na fisionomia do sócio da Casa Sucena, há visível surpresa e embaraço. Sacode a cabeça, espalha o olhar pelo vasto salão, cheio de objetos caros, de tapetes, panos, etc.. Em seguida, depois de pequeno silêncio, diz secamente.

— Mande trazer o pessoal! Pode fazer o trabalho!

Estava ganha a difícil partida. O Cardeal, com seu alto prestígio, a resolveu. O motivo do interdito proibitório consistia apenas no emprêgo do enxôfre. Mas a desinfeção seria feita com piretro.

E assim, com a substância usada, nenhum prejuízo houve. Tudo correu às mil maravilhas. E daquele dia em diante, o Cardeal Arcoverde que não conhecia aquél homen sabio, trabalhador, pertinaz, alcunhado de "o Fotógrafo", pela sua maleta, fêz questão de lhe ser apresentado e tornar-se seu admirador. Mudaria, a seu conselho, em renovação freqüente, a água da pia, com que todos faziam o sinal da cruz.

→ Muita satisfação, Eminentíssimo Cardeal, Osvaldo Cruz, médico sanitarista, às suas ordens!

— Estou sempre pronto para auxiliar a V. Excia no que puder, na grande e magnífica obra de saneamento da capital do meu país. Só o conhecia de nome. Sei que V. Excia. é um verdadeiro sábio, porém não o julgava tão moço! Deus nunca deixou de abençoar e proteger as grandes e nobres realizações da inteligência e do coração! Sua imensa obra mais parece um conto que a realidade! Um dia, alguém o dirá!

SÓ É FELIZ QUEM SABE OBEDECER

Para nós, que a freqüentámos, a escola começou ali na rua Getúlio Vargas, em frente à residência do hoje deputado federal Getúlio Moura, ao lado do cartório do Sr. Henrique Duque Estrada.

Sala pequena e carteiras novas. Depois, por razões que ignoramos, mudou-se para a Avenida Gaspar, onde funcionou durante quase duas décadas, em sala arejada, ampla.

D.^a Carmen, êsse era o nome da loura professôra dedicada e caprichosa que todos tínhamos. E a quem devemos o sentimento de auto-confiança que nos infundiu, com suas palavras; a quem legamos o valor que atribuímos ao estudo e ao trabalho, graças ao sistema pedagógico que instituiu, com seus prêmios, "quadros de honra" e outros incentivos.

Altair Soares Pereira, Otacílio Soares, Nelson Soares, Zuleika Machado, Naída Costa, Olga Gomes, Cibele Cordeiro, Zuleika Jambo da Costa, América Melo, Moacir Pereira Dias, Luiz Gomes, Rui Barbosa da Silva, Anita Barbosa, Levi, Léia e Lília Mendes, Álvaro Costa, Laura Abati, todos são testemunhas da fibra e da admirável

dedicação dessa criatura de valor notável. E muitos outros cujos nomes não nos ocorrem de pronto e que constituíam o pequeno mundo em que ela vivia, a semear a instrução.

Querida por todos, amada e respeitada, nunca praticou gesto que a diminuisse aos nossos olhos e coração. Muito ao contrário, suas decisões a tornavam credora de nossa confiança, pelo acerto com que agia.

Não nos lembramos de injustiças suas. Tudo ela apurava, e muito bem, para o acerto da decisão final, culminada sempre com as infalíveis "duzentas linhas": "Só é feliz quem sabe obedecer", objeto de tôda a nossa história...

O não estudar, para ela, era desobediência aos preceitos escolares; como também o era conversar ou rir em aula. De maneira que, qualquer transgressão a tais princípios, terminava sempre com os implacáveis dizeres da felicidade através da obediência, o que todos temiam pela perda de pontos que acarretavam, com prejuízos para a colocação no "Quadro de Honra", muito bem feito e desenhado, — cheio da dignidade que nos incutia.

Como quer que fôsse, sua orientação produzia os melhores resultados. Todos desejavam possuir qualidades aos seus olhos. Manter relações cordiais. Ter educação. Ser caprichoso. Ter mérito! Figurar no "Quadro"!

Que receio de se lhe ocasionar decepção!

D.^a Carmen soube se impor de tal maneira, que todos lhe queriam a amizade, conquistar-lhe o coração.

As "duzentas linhas" faziam chorar. Menos pelo trabalho que davam. Mas pelo que significavam no espírito de todos.

Era uma espécie de Nossa Senhora!

* * *

De uma feita, Léia, irmã de Levi Mendes, comentava à bôca pequena certa travessura que praticáramos. Havíamos ocasionado tremenda briga entre vizinhos. Um leva-e-traz feito por nós culminou com troca de satisfações e forte bofetada no rosto da empregada, vezeira no espalhar novidades dos patrões, velhos amigos que, ainda na véspera, nos haviam ofertado um projetor de cinema. Não houve dúvida, contámos tudo.

— Que vergonha! — bradou D.^a Carmen — Linguarudo!

Rimos da palavra!

— Está rindo? Duzentas linhas. Logo mais, explicarei à sua mãe. Ficará prêso.

* * *

O recreio foi triste, naquele dia. Isolámo-nos, até. Mas D.^a Carmen sabia trabalhar. Em pouco dissi-

pava tais nuvens, criadoras de complexos. Trouxe um número de "O Tico-Tico" que falava de todos nós. Fulano, como era elegante! Beltrano, como era estúdios! Cicrano, como era educado! E ainda havia uns comentários de simpatias de meninos por meninas, pelo olhar. Tínhamos receio que notassem tais coisas. Mas ela o sabia!

O assunto, assim, interessou a todos. E nos envolveu.

* * *

Afinal, tudo passou. Até mesmo os inocentes amores, tocados da graça e da gentileza de certas colegas. Passaram as aulas de História do Brasil, Geografia, Aritmética, Ciências Naturais, Português, Instrução Moral e Cívica; os dias de exposição de quadros a óleo, almofadas, desenhos e outros trabalhos manuais em que todos nos desenvolvíamos, aos sábados.

Só uma coisa não passou, porém: a lembrança de sua frase predileta, tão oportuna nos dias atuais! Porque, hoje, ninguém quer obedecer!

Entanto, é preciso inegavelmente obediência às leis, às instituições, aos mais altos compromissos!

Se todos os cidadãos possuíssem na consciência a frase lapidar que ela tão sàbiamente escolheu, para lição de seus alunos, talvez o Brasil e o mundo não passassem por tão graves crises!

Nos parlamentos, nas repartições, escolas, universidades, hospitais, no trabalho, enfim, onde quer que houvesse homens a produzir, só existiria satisfação do dever cumprido!

Só é feliz quem sabe obedecer!

Sábia locução!

Expressão de bonança!

* * *

Quando, já formado em medicina, me encontrava no Pronto Socorro a trabalhar, eis que ela surge. Não com aquela fisionomia leal e serena, de sempre. Mas deitada, completamente imóvel, na maca, com vários ferimentos pelo corpo. A ambulância a trouxera, depois de colhida por automóvel em frente à igreja de Santa Terezinha, à rua Mariz e Barros, aonde fôra rezar, momentos antes.

Seus cabelos, louros que eram, estavam rubros de sangue.

— Que foi isso, professôra?

— Ah! É você? Quanta satisfação. Mas não foi nada, creio.

— Só vendo.

E comecei a observá-la. Depois, acrescentei:

— Creio que terei de dar-lhe uns pontos. Há ferimentos muito abertos!

— Que o faça. Aqui, o obedecerei.

— Mesmo porque, só é feliz quem obedece, não é? — disse-lhe brincando.

— É verdade! Só é feliz quem sabe obedecer — consentiu, sorrindo.

* * *

E assim, mais uma vez, nos unimos pelas linhas, no momento exato em que meu pensamento se dirigia àquele tempo, cheio de boas recordações para mim.

Muito ainda devia eu àquela senhora, a meu lado, que Deus fizera professora com as sobras do coração de Mãe.

A LIÇÃO DE UM HUMILDE

Depois de escolhido para a Comissão de Festas, em homenagem a Santo Antônio, principiei a sentir certo aborrecimento. Iria despender energias para, uma vez mais, como acontece todos os anos, fazer repetir aquela queima enfadonha de fogos de artifício. Queima que principia por trás do Ginásio Afrânia Peixoto, na encosta das montanhas situadas na zona sul de nossa cidade.

Mais dinheiro posto fora, e nenhum proveito!

Tal era o meu ponto de vista a respeito dos festejos que o padre João Müsch faz realizar todos os anos, no dia 13 de junho, em homenagem ao nosso padroeiro.

A medida, porém, que essa sensação desagradável ia mergulhando em mim, crescia uma contrariedade intensa, espécie de ressentimento contra a Igreja. Minha fé e meu respeito diminuiam ante as discussões de aparelho, frente à preocupação de conseguir exclusivamente dinheiro para o brilho de que as solenidades deveriam revestir-se. No adro, não se falava em outra coisa. Todos estavam de acordo, isto é, toda a comissão designada para o ano de 1955, de que eu fazia parte.

Ouvia eu o relato, sobre a propaganda, quando, súbito, sem que outros o percebessem, começa um homem a entrar na Igreja. Não trazia agasalho algum, apesar da fina chuva que caía, lá fora. A sua figura mostrava aspecto bem modesto, revelador de extrema dificuldade. Caminhava em direção ao altar, quando observei, com surpresa, a criança que conduzia nos braços: seis anos, mais ou menos, também como êle, com as roupas da pobreza. Ao aproximar-se do altar, colocou-a no chão, com cuidado. Foi então que percebi ser a menina paralítica.

Segurando-a com paciência, fêz com que se ajoelhasse. E pusesse as mãozinhas coladas, junto ao peito, para depois animá-la com um sorriso, pela façanha.

Em seguida, acendeu a vela. Entregou-a à criança. Rezaram juntos, durante algum tempo. Depois, retirou-a para colocá-la num dos castiçais do altar de São Sebastião, onde ficou a arder.

Terminada a oração, ergueu-se, levantando também a companheirazinha. Segui-os. Adiante, permanecia o carrinho da paralítica.

Foi quando notei os traços comuns a ambos. Pai e filha, com tôda a certeza. Tive desejo de ajudá-los.

- Sua filha?
- Sim.
- Houve uma pausa.

— Aquela explosão com o carro-tanque, cheio de gasolina, de encontro ao elétrico, aqui mesmo em frente, matou-lhe a mãe. Mas já andava doente, com paralisia infantil.

— E agora?

— Sem ninguém para ajudá-la, a não ser eu, também doente...

— O senhor vem sempre à Igreja?

— Faço uma promessa e pago outra, segundo a qual, se sobrevivesse à doença que a atingiu, aqui viríamos, hoje, dia de seu aniversário, agradecer.

Fechei os olhos. Pensei em oferecer-lhes meios. Ou remédios. Mas não podia. Sentia-me preso ao chão, sem poder falar, pois o problema de ambos era da alma, ligada a Deus. - Eu nada podia resolver. Foram até ali para conversar com Ele, mostrar que não estavam zangados; ao contrário, muito agradecidos, até, com a sobrevivência da menina, após doença tão grave! D'Ele, sim, é que esperavam tudo!

Não era caso de caridade. Ao revés, eu é que tudo lhes devia por aquêle espetáculo de Fé, como nunca havia presenciado! Aquêle modo de aceitar os supremos desígnios, de maneira tão bela!

E assim, desapareceu em mim aquêle enfado de pertencer à Comissão de Festejos a Santo Antônio. Modificou-se completamente o estado de espírito com que

penetrei no interior daquela nave, para onde convergiam feixes de luzes multicôres. Mas estava na hora de me retirar. O homem já havia saído com a filha.

Voltei então ao altar, e acendi outra vela, vizinha da dêle. Fiquei de pé, mas com a alma de joelhos. E agradeci a Deus por aquêle espetáculo de elevação, que ajudou a manter viva a minha Fé! E me fêz sentir tranquílio e feliz, como aquêles dois humildes que se retiraram, vivendo comigo sob o mesmo céu, juntos neste conto, com que encerro o presente livro.

CONCEITOS SOBRE O AUTOR

"Correio de Lavoura", em tôda a sua longa existência, tem estimulado muitos valores novos de nossa terra, cumprindo, aliás, um dos pontos de seu programa de concorrer, sempre que a oportunidade se ofereça, para o desenvolvimento de tôdas as artes, para o aumento e valorização da cultura. Nunca faltamos, assim, com a consideração devida aos moços que, cheios de dúvidas e incertezas, vieram bater à porta do jornal que escolheram para voar mais alto e mais longe nas asas de seus ideais. E nunca faltámos, também, a quantos se nos apresentaram com espírito de colaboração, inteligentes e entusiastas, com a palavra amiga, com o conselho para que se conduzissem com equilíbrio e bom senso, com a orientação ditada pela experiência para que não fugissem nunca do caminho do dever, antes que se dedicassem cada vez mais aos livros em busca do saber, que se portassem na sociedade de modo exemplar, como cidadãos de amanhã úteis à família e à Pátria.

Quantos trabalhos, em prosa e verso, não se encontram nas páginas de nossa fôlha, frutos da vocação, do esfôrço, da perseverança de muitos moços que procura-

vam vencer aumentando os seus conhecimentos! E quantos trabalhos aqui também não se acham de moços, dotados de inteligência fora do comum, que produziam em prosa e verso por dilettantismo, dando asas às suas idéias e pensamentos românticos! Entre êsses moços que foram recebidos de braços abertos em nosso convívio, encantando-nos de onde em onde com a beleza de suas almas sonhadoras, contava-se o Mac, um dos valores mais apreciáveis da mocidade iguaçuana. Acolhido com simpatia e recebendo logo o indispensável incentivo, êle passou, de tempo a tempo, a enriquecer nossas páginas com suas crônicas e versos, ora malicioso e mordaz, focalizando esta ou aquela atitude dos homens, ora leve e elegante, comentando fatos e coisas que aconteciam nesta terra outrora de muitos laranjais floridos.

* * *

Mac escrevia crônicas e versos, lecionava em escolas particulares e trabalhava na Prefeitura do Distrito Federal, mas não abandonava os livros. Entrou para a Faculdade de Medicina e ali concluiu o curso entre os doutorandos que mais se distinguiram pelo amor aos estudos, pela prática freqüente nos hospitais. Agora é o Dr. Deoclécio Dias Machado Filho, dedicado à nobre profissão que abraçou. No entanto, o médico de hoje não esqueceu o cronista nem o poeta de ontem, tanto

que acaba de realizar um dos seus maiores sonhos desde os bancos escolares: a publicação de um livro. E logo que o editor lhe entregou o trabalho pronto, de ótimo aspecto gráfico, êle se apressou em trazer-nos pessoalmente um exemplar, com dedicatória mui expressiva, o que nos causou grande satisfação, não só pelo sonho que o amigo realizara, senão também porque muitas páginas desta fôlha eram ali revividas esplêndidamente.

* * *

Realmente, o livro de Deoclécio Dias Machado Filho — *A Sombra dos Laranjais* — tem muito de Nova Iguaçu, pois reune, em quase 200 páginas, crônicas e versos, retratando figuras políticas e focalizando fatos aqui ocorridos, o que faz com que todos nós sintamos a vida que passa. O autor de *A sombra dos Laranjais* incluiu nêle os seus melhores trabalhos, escritos num estilo simples e agradável, matéria mais jornalística que literária, comentando rapidamente dezenas de acontecimentos da vida iguaçuana. Por tudo isso, merece *A Sombra dos Laranjais* a atenção de quantos vivem nesta terra, porque é trabalho produzido com arte e bom gôsto por um dos seus filhos mais queridos.

LUIZ DE AZEREDO

AGRADECIMENTO AO SR. LUIZ DE AZEREDO

A propósito do meu livro "À Sombra dos Laranjais", quero agradecer-te as palavras generosas, repassadas de bondade, elevação e de incentivo, publicadas no teu hebdomadário há tempos. Atrasaram-me os afazeres.

Se a obra não tivesse agrado, se tantos abraços não tivesse eu recebido, tão amigos e tão sinceros, como o último, em plena Cinelândia, quando por lá passava,— o teu artigo seria o prêmio. O prêmio das canseiras, das lutas, da labuta que tive, trabalhando com mão diurna e noturna. Seria para mim o oasis onde me deteria, a fim de assistir ao desfilar de meus sonhos desde a puerícia, onde algumas dificuldades se me depararam. Seria, outrossim, o bálsamo suave para as feridas de todo viandante como eu; o doce refrigério, o supremo consôlo para as amarguras dos que sonham com uma vida inferior, tendo por fora a má vontade dos que não nos comprehendem...

De tudo, caro Luiz, sinto-me recompensado. Até as pedras do desgôsto tu as transformaste em estrélas. Assim, eu teria de sentir-me como realmente me senti: satisfeito e ao mesmo tempo agradecido.

Pena é eu não poder colocar o livro nas mãos que desejaria.

Não por considerá-lo de vulto. Mas é que amanhã não haveria exemplares para mostrar que alguém já escreveu e se interessou por Nova Iguaçu, ainda que outro valor mais alto se alevante. Demais disso, a leitura sempre constitui exercício necessário ao espírito. Tu, que tens dela o hábito, sabes que o espírito se esvazia quando deixamos de nutri-lo com a substância dos livros. É isso porque ninguém, a princípio, pode tirar as coisas de dentro de si próprios, como uma fonte milagrosa. Em geral, nos livros é que buscamos a essência para a nosso perfeição, a orientação para as grandes e luminosas perspectivas.

Quem não lê acaba emparedado e incomunicável. Embrutecido. Estacionado ante o progresso espiritual a que só a leitura conduz.

Ler, portanto, é progredir. E a leitura — não sei se foi Duhamel quem escreveu — é indispensável aos que desejam evoluir. É incorporar ao espírito novas paisagens, novos domínios, coisas ignotas, principalmente quando a obra merece o consenso unânime.

* * *

"A Sombra dos Laranjais" possui alguns defeitos. Mas foi feito com o coração, e tem dois objetivos: recrear e instruir, dentro das possibilidades do autor. — D.

OUTROS CONCEITOS

Dante Perrone:

"Acabo de ler o seu livro; e, com entusiasmo, apresse-me a felicitar o estilista que se revelou.

Realmente, a graça, a simplicidade e o bom gôsto, na escolha dos assuntos, tornaram-no um dos mais belos livros de crônicas que já tive a oportunidade de ler em toda minha vida.

Um caloroso abraço de aplausos. — Em 14-4-53."

* * *

Raul de Figueiredo Meireles, Promotor de Justiça
nesta Comarca:

"Sinto-me bastante sensibilizado com a dádiva, em termos generosos. Só lamento não estar ainda integralmente identificado com a tradicional sociedade local para melhor apreciar o "resumo histórico vivo" desta cidade e do seu Povo. — Em 18-4-53".

René Van Boekel:

"O natural interesse que o seu livro me despertou, já pela grande consideração que sempre lhe dediquei em troca da maneira bondosa e distinta no tratar seus semelhantes, da simpatia irradiante que você transmite tão singularmente e, também, pela leitura das primeiras páginas de "À Sombra dos Laranjais", fêz com que eu ficasse em casa ontem, domingo, o dia inteirinho, coisa que raramente acontece, para apreciar os saborosos "quitutes" do seu "magnífico banquete"!

Sim, porque nem só de pão vive o homem, e quando a leitura é boa, traz fosforescência para nossos cérebros. Confesso que, mesmo sem ter a gula de qualquer um dos discípulos de Sócrates o devorei inteirinho, e esfreguei as mãos sobre o ventre intumescido, entre satisfeito e orgulhoso, por haver encontrado "uma azeitona na minha empada"...

A simples citação feita à página 44, do seu primoroso livro, sensibilizou-me profundamente, pois, no pequeno torrão onde você nasceu, eu vivo há trinta anos, sempre presente, por mercê de Deus, e em pensamento e coração.

Aceite, assim, meu conterrâneo de alma nobre e inteligente, nesta carta à Bonaparte — garatujada e em péssima grafia — os meus calorosos aplausos à sua obra, meus parabens e o meu fraternal abraço iluminado nesta

mesma Fé, e que todos os seus desejos venham a se realizar para o progresso e o futuro do nosso Município.

Seu, "ex-corde", René. — Em 4-5-53".

* * *

Do deputado estadual, Dr. José Manhães:

"Recebi o teu livro, que penhorado agradeço. Li, verificando o teu bom gôsto pelas letras, bem como o humorismo e o espírito elevado que possues, não deixando, também, de focalizar teu ideal.

Um abraço do amigo".

* * *

D. Olga Flávio:

"Belas crônicas, engracados versos. És, na verdade, um narrador enleante, parece que adestrado no jornalismo. Ninguém boceja ao ler-te, ninguém se desprende de tuas páginas, até que chegue o fim.

Só queria saber como conseguiste, cuidando de tantos assuntos, essa beleza de ritmos? Como desabrocharam entre teus dedos, essas rosas tão lindas? Como vieram êsses pássaros de sonho cantar no beiral de tua casa?

Continua, é só o que te peço e desejo. — Em 5-5-53".

* * *

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

"Meu caro Deoclécio:

Tenho em minhas mãos um exemplar de seu livro, cujas páginas saboreio, não raras vêzes, com lágrimas nos olhos. Afinal, também sou iguaçuana, também amo essas plagas que me serviram de berço, na minha infância longinqua, e o seu livro me traz reminiscências mui queridas.

Porém, não quero falar do livro, dizer que é bom, boníssimo, humano, sentimental...

Não!

Tudo isso o doutor já está cansado de ouvir... Quero apenas lhe dizer: — Como deve estar transbordante de prazer o coração de sua mãe por haver alcançado, na vida, a maior felicidade, senão a de possuir uma prole que é verdadeiramente o orgulho da sociedade iguaçuana.

Que Deus o tenha na sua graça, que lhe prodigalize a felicidade de que é merecedor.

De uma Iguacuana".

Segundo se tem afirmado, e parece-nos com fundadas razões, a crônica é um gênero que envelhece, talvez por estar ligado ao quotidiano, ao que acontece ou ao que comumente se pensa no instante em que é escrito.

SOB O CÉU DE MINHA TERRA

Enquanto um conto ou um romance não perdem a atualidade ou não a requerem mesmo, a crônica, com raras exceções, passa de moda como passam os feitos de vestidos, com a única diferença que estes podem voltar ao primeiro plano das preferências femininas e aquela, de modo geral, só tem valor como reconstituição de um momento dado.

Entre as exceções, acreditamos justo colocar "A Sombra dos Laranjais", de Deoclécio Dias Machado Filho. Livro editado em 1953, enfeixando crônicas em que "pouca coisa há, do tempo atual", como declara o autor "à guisa de prefácio", não perdeu, entretanto, o sabor da época onde foram elaboradas suas crônicas e outros noticiários".

Ressumbrá de suas páginas tamanho amor a Nova Iguaçu que, provavelmente, será esse o segredo de sua mocidade e de sua longevidade. Mesmo quando Deoclécio se refere a Pasteur, Lin Yutang ou o valor da lágrima, sente-se que ele escreve, que faz questão de escrever à sombra de laranjais.

Fá-lo, aliás, com notável correção e utilizando sempre as palavras adequadas, sem preciosismos, o que torna sua prosa agradável, fluente e escorreita.

Não diremos, para sermos coerentes conosco mesmos, que apreciamos de igual modo todas as páginas do livro. Algumas há de que não gostamos, ao passo que

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

sentimos em outras o peso do tempo, inimigo de crônicas... Mas o conjunto, sem dúvida, apresenta saldo favorável, o que nos leva a vaticinar, com segurança, que Nova Iguaçu ainda ficará a dever a Deoclécio outras obras ditadas por seus pendores literários e por seu extremado amor a esta terra, onde seu cérebro ainda se povoa de sonhos — os quais muito bem poderá realizar, com as qualidades que todos lhe reconhecemos.

CIAL BRITO

ÍNDICE

	Págs.
PREAMBULO	7
LUCI	9
A ENCOMENDA DE UMA ESTRÉLA	19
UM CURSO COMPLETO	23
CONTO VERÍDICO	31
SÓ É FELIZ QUEM SABE OBEDECER	41
A LIÇAO DE UM HUMILDE	47
CONCEITOS SOBRE O AUTOR	51
AGRADECIMENTO AO SR. LUIZ DE AZEREDO	55
OUTROS CONCEITOS	57



Bôas Festas
e Feliz Ano Novo,
o's que lhe
deseja o
velho compadinho
de jornal,

Querida